

**ACTAS DEL I CONGRESO
DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA
DE LITERATURA MEDIEVAL**

Santiago de Compostela, 2 al 6 de Diciembre de 1985

*Edición a cargo de
Vicente Beltrán*

**PPU
1988**

Portada: Motivo inspirado en la *matiere de Bretagne*. Detalle de una columna procedente de la *Porta Francigena* de la Catedral de Santiago de Compostela. Comienzos del s. XII. Dibujo: S. Moralejo.

Primera edición, 1988

No podrá reproducirse total o parcialmente el contenido de esta obra, sin la autorización escrita de PPU.

© Vicente Beltrán

© PPU

Promociones y Publicaciones Universitarias, S.A.
Marqués de Campo Sagrado, 16
08015 Barcelona

I.S.B.N.: 84-7665-251-8

D.L.: B-14206-88

Imprime: Limpergraf, S.A. Calle del Río, 17 Nave 3. Ripollet (Barcelona)

Simbologia animal: prolongamentos clássicos na tradição literária da Idade Média

*Maria Isabel Rebelo Gonçalves
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.*

A abadia de Alcobaça, fundada no século XII, teve enorme importância na região em que estava inserida (o centro oeste de Portugal), tanto no âmbito da cultura como no da economia agrícola, para não referir a benemerente prática da caridade cristã. Devem-se, com efeito, aos monges de Alcobaça não apenas tratamento de doentes e distribuição de pão aos necessitados, mas ainda grandes progressos na exploração rural da zona e o contributo cultural de importante centro de estudos, orientado para temas de teologia, o qual era apoiado por actualizadíssima biblioteca.

As obras desta biblioteca chegadas até nós –cerca de 450 manuscritos–¹ permitem-nos avaliar a multiplicidade de interesses dos seus leitores: além dos esperados breviários, missais e bíblias, encontram-se no acervo alcobacense muitos dos mais famosos textos de autores cristãos (Agostinho, Beda, Bernardo de Claraval, Gregório Magno, Hugo de Folieto, Hugo de São Vítor, Isidoro, Jerónimo, João Crisóstomo, Orígenes, Rábano Mauro, etc.); obras gramaticais (Pápias, Prisciano, Alexandre de Ville-Dieu); trabalhos lexicográficos (Pápias); escritos de autores clássicos (Aristóteles, Diógenes Laércio, Sulpício Severo, Valério Máximo); e muitas espécies singulares.²

Pelos exemplos apontados, será fácil compreender que a livraria de Alcobaça não andaria muito atrasada relativamente a Claraval e outros mosteiros cistercienses. Perguntar-se-á, no entanto, qual a proveniência de tantas e tão variadas obras. Seriam oriundas da casa-mãe ou, pelo menos, do estrangeiro?

É o que acontece, de facto, com alguns códices mais preciosos.³ Contudo, na

sua maior parte, os códices alcobacenses foram copiados, decorados e encadernados no Mosteiro, que possuía importante *scriptorium*. Típicas de Alcobaça são as suas encadernações⁴ e os manuscritos ilustrados com folhagem estilizada ou filigranas caligráficas.⁵

Ao percorrer o fundo medieval da biblioteca, não será difícil reconhecer que o mundo animal –autêntico ou fantástico– fazia parte do imaginário dos monges–artistas. Peixes e répteis são relativamente pouco aproveitados,⁶ mas os mamíferos são já cerca de cinquenta⁷ e há ainda mais de cem aves de todas as espécies, desde pássaros a aves de rapina, bem como estilizações extravagantes que parecem obscuras precursoras dos picassos do nosso século.⁸

Todo este pequeno mundo se revela frequentemente relacionado com valores simbólicos⁹ e, num caso, ilustra um texto simbólico em si próprio. Referimo-nos à cópia quatrocentista, feita em Alcobaça, da obra que em Portugal é conhecida como *Livro das Aves* do Mosteiro de Lorvão (século XII),¹⁰ que mais não é do que o primeiro livro do *De bestiis et aliis rebus*, atribuído por Migne a Hugo de São Vítor.¹¹

Esta simples cópia já revela que o Mosteiro não ficou insensível ao interesse medieval pela alegoria. Poderemos juntar-lhe outros importantes testemunhos, como registos avulsos em obras de exegese bíblica (sobretudo o comentário ao *Levítico* de Radulfo Flaviacense)¹² e duas cópias (uma do século XIII, outra do XIV) de uma *Silva allegoriarum*,¹³ compilação de larga série de alegorias e símbolos oriundos da exegese.

O *De bestiis* é subsidiário não apenas da exegese bíblica, mas também de Isidoro e do Fisiólogo.¹⁴

Como é sabido, o Fisiólogo começou a ser divulgado na área de influência alexandrina, em versão grega,¹⁵ a partir do século II p. C.; e, em diferentes versões latinas (inclusive em verso),¹⁶ a partir do século V. Trata-se de um conjunto de temas tradicionais do Mediterrâneo Oriental, provavelmente compiladas por um anónimo cristão e que têm como origem remota os ensinamentos dos naturalistas (Aristóteles, Plínio, Eliano). Ao fundo científico de origem greco-latina acrescem valores alegóricos e simbólicos que têm de reflectir também algumas ideias dos autores clássicos.

Para os Gregos e Latinos, o animal era quase constantemente imagem de comportamentos ou circunstancialismos humanos. Quer dizer: quando os poetas clássicos (os criadores dos padrões literários) queriam representar mais vivamente o homem, fulcro do seu pensamento, comparavam-no com animais, em imagens tão expressivas que frequentemente adquiriam força simbólica. Assim, determinadas personagens podiam ser agressivas como vespas,¹⁷ argutas como raposas,¹⁸ ávidas como sanguessugas,¹⁹ bravas como touros²⁰ ou leões,²¹ combativas como galos,²² cruéis como feras,²³ pérfidas como víboras,²⁴ sanguinárias como lobos,²⁵

etc.; ou, noutros casos, podem essas figuras estar aflitas como golfinhos na praia,²⁶ andar de lado como o caranguejo,²⁷ ou saltar de alegria como uma cabrinha montês.²⁸

Mesmo quando a simbologia é mais profunda –o caso das metamorfoses míticas de seres humanos–, não se sai decisivamente do plano inteligível. Recordem-se certos mitos etiológicos, como o da orgulhosa Aracne,²⁹ perita na tecelagem, castigada pela deusa que ousou desafiar; ou o do infeliz Pico³⁰ que, fiel a sua mulher, rejeitou Circe e por ela foi transformado no pica-pau, que, exasperado pela injustiça sofrida, bate com o bico nas árvores.

O uso do animal na fábula afigura-se diferente, pois que, em geral, predomina a arbitrariedade do signo, isto é, a espécie escolhida para representar o homem é quase sempre indiferente a símbolos. Exceptuam-se casos como o da cigarra e da formiga,³¹ paradigmas de despreocupação e diligência, respectivamente.

Ao entrarmos no mundo medieval, há evidente mudança de plano. A natureza humana passa para segundo lugar e cede a vez ao espírito ou ao sobrenatural. Compreender-se-á que à diferente atitude poderão corresponder processos simbólicos diferentes. De facto assim é: à simples imagem prefere-se a alegoria, levada por vezes a extremos de absurdo.

Pelo que é possível estudar nos textos de Alcobça, perfeitamente representativos das concepções da simbologia medieval, verifica-se que a *Silva allegoriarum* acolhe e ordena uma infinidade de valores alegóricos, compreensíveis uns, incongruentes muitos outros, ao passo que o *De bestiis*, apesar de não fugir à busca do sentido oculto das aparências, se mostra mais preocupado com conceitos susceptíveis de abonação científica.

Diríamos até que, na *Silva*, predominam tratamentos alegóricos um tanto estranhos, como a identificação de Cristo com uma vaca: a partir de um passo dos *Números*³²

Vaccam rufam aetatis integrae in qua nulla sit macula nec portaverit iugum,

vê-se no ruminante a natureza mortal do filho de Deus, que não está sujeito ao pecado!

Pelo contrário, no *De bestiis* completam-se as leituras alegóricas com abonações etimológicas e naturalistas, como se verifica na curiosa rubrica consagrada à poupa. A partir de Isidoro,³³ o autor escreve:

Upupa Graecis (epops) appellatur eo quod stercora humana considereat et fetenti pascatur fimo. Avis spurcissima... semper in sepulcris et humano stercore commorans. Unde Rabanus: Haec avis sceleratos peccatores significat homines, qui sordibus peccatorum assidue delectantur... De upupa etiam Physiologus dicit quod cum senuerit et volare non possit filii ejus ad eam veniunt et pennas vetustissimas e

corpore ipsius evellunt eamque fovere non cessant, donec iterum pennae recrescant... Exemplum igitur perversis hominibus tribuunt qui patres suos cum senuerint a domibus propriis expellunt...

Não há incongruência na utilização do mesmo animal com sentido negativo e positivo, porquanto se trata de aproveitar as *oppositae qualitates* de uma espécie animal— o que, aliás, também era frequente nas imagens greco-latinas.

As duas citações anteriores (outras poderíamos acrescentar) marcam bem as tendências predominantes na simbologia apenas oriunda da exegese bíblica ou na que depende do Fisiólogo e das *Etimologias* de Isidoro. Verifica-se, no entanto, que, apesar destas vincadas diferenças, é possível encontrar numa e noutra valores simbólicos tão evidentes que, utilizados desde a Antiguidade Clássica, chegaram até aos nossos dias.

Sistematizemos os mais significativos.

Começando pelos mamíferos, verifica-se que a *Silva* aproveita uma dezena de ideias que se foram tornando convencionais. Entre os padrões mais utilizados, temos o leão, que conserva na simbologia medieval valores correspondentes a duas das suas características. Por um lado, representa a majestade de Deus-Pai e de Cristo, à semelhança de certas figuras da epopeia e do teatro clássicos.³⁴ Por outro, indica crueldade, símbolo que, nas literaturas grega e latina, perdura de Homero a Ausónio³⁵ e, na *Silva*, ora indica a própria crueldade, ora a que se atribui aos Judeus e a Nero. Curiosíssima nos pareceu a simbologia de Cristo como cachorro de leão, que relacionamos com modelos de Eurípidés, Sílio Itálico, Estácio e Claudiano, ligados a filhos de nobres heróis.³⁶

Muito importante também a simbologia do cão. A sua imagem de fidelidade, aplicada aos Apóstolos, pode ser comparada com a relativa a Calcante, Anfíloco e Mopso, que Lícofron³⁷ designa por cães, como fiéis seguidores e intérpretes da palavra de Apolo. Menos esperado será o confronto de pregadores, em especial Santo Agostinho, com cães. Neste caso, como o próprio texto salienta, estão em foco a vigilância e irascibilidade caninas: o bom pregador, atento aos erros dos seu semelhante, não o poupa a críticas. Separados, estes valores são frequentes em autores da *Antologia*³⁸, em comediógrafos,³⁹ etc.⁴⁰

Recorde-se, ainda, a simbologia pagã das vítimas, constantemente utilizada na tragédia,⁴¹ na epopeia⁴² e noutros géneros poéticos,⁴³ e que, espiritualizada, reaparece na identificação de Cristo e seus Apóstolos com bezerros, cabritos, cordeiros ou quaisquer outros animais frágeis.

Citem-se, por fim, algumas utilizações isoladas de mamíferos: o cavalo, imagem da ufanía dos heróis,⁴⁴ assume, no cristianismo, o valor paralelo de soberba; a falta de recato e a imundície do porco, visadas por Apolónio de Rodes⁴⁵ e Plauto,⁴⁶ torna-se símbolo dos réprobos; a manha da raposa (utilização negativa da sua

inteligência), aproveitada por autores como Alceu,⁴⁷ Sólon,⁴⁸ Simónides de Amorgo,⁴⁹ Aristófanes,⁵⁰ Lícofron,⁵¹ Lucrécio,⁵² Pérsio⁵³ e Claudiano,⁵⁴ representa, para os exegetas cristãos, os heréticos e Herodes.

Passando para as aves – e tendo agora em conta tanto o *De bestiis* como a *Silva* – o símbolo mais importante é o da águia, que representa Cristo, São João Evangelista, os Patriarcas, os eleitos e a própria alma, em imagem de superioridade espiritual vinda já da Antiguidade Clássica e muito glosada, por exemplo, na *Antologia*.⁵⁵ Em sentido oposto, a identificação do Demónio e de Nabucodonosor com águias parece relacionar-se com o tratamento dado ao animal por Alceu,⁵⁶ Sófocles⁵⁷ e Lícofron,⁵⁸ que vêm na rainha das aves prenúncio de morte.

Outras convergências entre pagãos e cristãos estão patentes no aproveitamento da andorinha como símbolo de loquacidade (Aristófanes⁵⁹ e *Peruigilium Veneris*);⁶⁰ das aves em geral com Anjos (Ovídio:⁶¹ metamorfoses ascendentes de figuras bondosas); da codorniz com a luxúria (Lícofron)⁶²; do galo com pregadores (*Antologia*),⁶³ do ganso com a vigilância (*Antologia*,⁶⁴ Lucrécio,⁶⁵ Nemesiano).⁶⁶

Quanto aos insectos, há coincidências na utilização da aranha como modelo de vaidade, que, a não ter origem no conhecimento do mito de Aracne, perde sentido;⁶⁷ no uso do escorpião, símbolo de perigo mortal desde Praxila,⁶⁸ como figura do Demónio e dos difamadores; no aproveitamento da prudência e diligência da formiga como cunho destas virtudes; e na adopção da instabilidade da mosca, ideia vinda de Tirteu,⁶⁹ como padrão dos inquietos.

A exemplificação apresentada, se é escassa para se extrair conclusões decisivas quanto a influências clássicas na simbologia medieval cristã, permite, apesar de tudo, colocar em relevo curiosas convergências e abrir caminho para uma investigação mais profunda. Importa, porém, realçar que, se são os próprios textos cristãos a evocar, com relativa frequência, tradições pagãs (*u. g.* o caso, atrás comentado, da *pietas* da poupa; ou a alusão aos gansos do Capitólio, a propósito da proverbial vigilância da ave)⁷⁰, não restarão dúvidas de que entre os dois mundos subsistiram alguns elos.

Decisivo contributo para a sobrevivência de conceitos clássicos fica a dever-se ao Fisiólogo. Mas não poderão ignorar-se outras influências, nomeadamente a do saber enciclopédico desse que foi um dos espíritos mais esclarecidos do cristianismo e verdadeiro luminar da cultura universal – Isidoro de Sevilha.

Notas

1. Cf. *Index codicum bibliothecae Alcobatiae*, Lisboa, 1775 e, sobretudo, *Inventário dos códices alcobacenses*, 6 vols., Lisboa, Biblioteca Nacional, 1930-32 e 1978.

2. Salientamos o excepcional *Oraculo poetico para intelligencia dos poetas antigos ou dictionario fabuloso para*

M. I. REBELO GONÇALVES

lição dos modernos com hum calendario das festas gentlicas, 6 vols. mss. (Alc. 322-327), da autoria do alcobacense João Barbosa de Araújo, nascido em 1675.

3. Cf. Alc. 205 e 455 (B. N. L.); Alc. II e CCCLXXIV (A. N. T. T.); etc.
4. Sobre a encadernação de Alcobaça, leia-se o excelente estudo de Aires Augusto Nascimento e António Dias Diogo, *Encadernação portuguesa medieval*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
5. Cf. *Inventario, passim*.
6. Recordem-se o I pisciforme, inicial de *Ieiunium* (Alc. 450, fl. 3 vº) e a serpente no bico de uma cegonha (Alc. 275, fl. 26).
7. Bodes, cães, coelhos, gatos, leões, leopardos, ovelhas, raposas, ratos e ursos, nomeadamente nos códices 26 (fls. 1, 195), 77 (fl. 154), 233 (fls. 127, 140), 251 (fl. 198), 261 (fl. 1), 376 (fls. 3, 3 vº, 22 vº, 81 vº), 412 (fls. 80 vº, 96), 447 (fl. 60 vº), para só referir alguns dos mais curiosos.
8. Ver principalmente os códices Alc. 205 e 376. As estilizações extravagantes encontram-se no Alc. 233.
9. É o caso dos animais do tetramorfo (Alc. 399), da baleia de Jonas (Alc. 455, fl. 155 vº), dos corvos de S. Vicente (Alc. 66, fl. 220 vº), da pomba do Espírito Santo (Alc. 26, fl. 121; Alc. 258, fl. 198 vº), etc.
10. Alc. 238, fls. 202 vº-227. O *Livro das Aves* encontra-se no A. N. T. T.
11. J. -P. Migne, *Patrologia Latina*, Turnholt, Brepols, 1851, t. CLXXVII, cols. 9-163.
12. Alc. 405.
13. Alc. 234 e Alc. 410.
14. Editado por F. J. Carmody, Berkeley, University of California Press, 1941.
15. Editado por F. Sbordone, Milano, 1936.
16. Entre eles, o Theobaldi *Physiologus*, editado por P. T. Eden, Leiden, E. J. Brill, 1972.
17. *Anth.* VII, 71.
18. Píndaro, *I.* IV, 45-49; Esopo 166 Chambry; Fedro 14 Brenot.
19. Teócrito II, 55-56; *Anth.* VI, 193.
20. Licofron, *Alex.* 147; Virgílio, *Aen.* XII, 715-22; Estácio, *Th.* XII, 601-05.
21. Homero, *Il.* XII, 41-48 e XVII, 540-42; Píndaro, *I.* IV, 45-49; Baquilides VII, 29 I, 140-44; Aristófanes, *Eq.* 1037-39; Licofron, *Alex.* 1441-44; Teócrito XII, 72-74; *Anth.* VII, 227 e 426; Virgílio, *Aen.* IX, 789-95; Claudiano, *Bell. Got.* 323-30.
22. Píndaro, *O.* XII, 13-16; Aristófanes, *Av.* 1349-50, *Nub.* 1427-28; Teócrito XII, 72-74; *Anth.* VII 428, 13 e 15-16.
23. Eurípides, *Or.* 1271-72; Horácio, *Epo.* V, 9-10; Ovídio, *H.* X, 1; Séneca, *Herc. Oet.* 236; Sílio Itálico, *Pun.* VI, 531; Claudiano, *Fesc.* I, 26.
24. Alceu 309-10; Eurípides, *Andr.* 269-73; Menandro, *Dysc.* 480; Licofron, *Alex.* 1121; Esopo 81 Chambry; *Anth.* V, 114; Fedro 85 Brenot; Estácio, *Th.* XI, 310-14.
25. Homero, *Il.* XVI, 155-63; Ésquilo, *Sept.* 145-46; Apolónio de Rodas, *Arg.* II, 123-28; Virgílio, *Aen.* IX, 59-64; Horácio, *Epo.* II, 2, 28-30.
26. *Anth.* XI, 52.
27. Plauto, *Ps.* 955.
28. Horácio, *O.* III, 15, 12.
29. Ovídio, *Met.* VI, 135-45.
30. Id., *ibid.* XIV, 388-96.
31. Esopo 336 Chambry; Aviano XXXIV.
32. 19. 2. (Cf. *Silva*, s. u. *vacca*).
33. *Etim.* 12, 7, 66. (Cf. *De bestiis*, s. u., cap. LII).
34. Eurípides, *Or.* 1258-60; Séneca, *Herc. Oet.* 1642-44.
35. Homero, *Il.* XVII, 540-42; Eurípides, *Or.* 1400-01; Virgílio, *Aen.* X, 723-29; Séneca (?), *Oct.* 86-88; Estácio, *Th.* IX, 15-16; Ausónio, *Epist.* XI, 15-16.
36. Eurípides, *Suppl.* 1222-23; Sófocles, *Aj.* 958-87; Claudiano, *III Cons. Hon.* 77-82.
37. *Alex.* 439-41 e 991-92.
38. *V. g. Anth.* VII, 408.
39. *V. g.* Aristófanes, *Eq.* 1017-19; Plauto, *Bac.* 1046 e *Trin.* 169-72.
40. *V. g.* Homero, *Il.* X, 183-89; Ésquilo, *Ag.* 1-3; Calímaco, *Ep.* III; Pseudoteócrito XXV, 68-83; Apolónio de Rodas, *Arg.* IV, 12-13.
41. Ésquilo, *Ag.* 231-35 e 1296-98; Eurípides, *Andr.* 577-58, *Hec.* 87-91 e 205-06, *I. T.* 359-60; etc.
42. Homero, *Il.* III, 21-28, XVII, 673-81; Apolónio de Rodas, *Arg.* IV, 12-13; Virgílio, *Aen.* X, 723-29; Estácio, *Th.* 288-92; etc.

43. Horácio, *O.* IV, 4, 50; Ovídio, *A. A.* II, 363-64; etc.
44. Homero, *Il.* VI, 506-11, XV, 263-70, XXII, 21-24; Safo 140, 4 Reinach-Puech; Apolónio de Rodes, *Arg.* III, 1259-61.
45. *Arg.* II, 1023-25.
46. *St.* 64.
47. 69, 6-9 Edm.
48. 10,5 Edm.
49. *Vide* a famosa sátira contra as mulheres, 7-11.
50. *Pax* 1189-90.
51. *Alex.* 344.
52. *R. N.* III, 742 e V, 863.
53. V, 117.
54. *Ruf.* II, 484.
55. Pindaro, *P.* V, 111-12; Baquilides V, 14-30; *Anth.* VII, 62 e 161.
56. 21 Edm.
57. *Ant.* 1040-43.
58. *Alex.* 260-66.
59. *Ran.* 92-93.
60. 90.
61. *Met.* XIII, 604-07, 717-18, etc.
62. *Alex.* 512-13 (se a ave mencionada é a codorniz, como admitem Liddell e Scott, no seu *Greek-English Lexicon*).
63. *Anth.* VII, 428, 15-16.
64. *Anth.* VII, 42.
65. *R. N.* IV, 682-83.
66. *Auc.* I, 14.
67. Se *vanitas* significar *insignificância*, também há paradigma clássico: *App. Verg.*, *Culex* 2.
68. 4 Edm.
69. Tirteu 2 Edm. Cf. Plauto, *Truc.* 64-65.
70. Cf. *De bestiis*, s. u. *anser* (cap. XLVI):
Anser vigilias noctis assiduitate clangoris testatur. Nullum autem animal ita odorem hominis sensit, ut anser. Unde et clangore ejus Gallorum ascensus in Capitolium deprehensus est. Unde Rabanus: Haec avis providos homines et erga sui custodiam bene vigilantes significare potest.